

“Aí a gente pegou, fez esse artigo”: os verbos V1 de construções do tipo *foi fez* como marcadores conversacionais

RESUMO

Neste artigo, temos como objetivo principal estudar um tipo especial de marcador conversacional¹, ainda pouco estudado no português brasileiro: os verbos V1 das construções do tipo *foi fez* (CFF's). Essas construções são formadas a partir de uma sequência mínima de dois verbos, V1 e V2, que partilham sujeito e flexões de modo, tempo, pessoa e número, sendo que V1 é quase sempre um dos verbos *ir*, *chegar* e *pegar*, e V2 representa uma classe relativamente aberta. Com o intuito de elaborar um estudo descritivo de V1 como marcador conversacional em textos orais, tomamos como corpus, nesta pesquisa, amostras reais de fala coletadas pelo banco de dados do projeto PEUL (Programa de Estudos de Uso da Língua) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Para analisar os dados, nos orientamos a partir dos pressupostos teóricos levantados por Rodrigues (2006; 2007) à luz de estudos desenvolvidos por gramáticos construcionistas como Fillmore (1985), Goldberg (1995) e Croft (2001).

PALAVRAS-CHAVE: Construções do tipo *foi fez*; marcadores conversacionais; gramaticalização.

João Felipe Barbosa Borges

felipebborges@hotmail.com

Universidade Federal de Juiz de Fora/
Instituto Federal Fluminense, Minas
Gerais, Brasil.

Marina Camila Santana de Leis

felipebborges@hotmail.com

Universidade Federal de Viçosa, Minas
Gerais, Brasil.

INTRODUÇÃO

Desde a década de 1960, com os estudos realizados por Labov, vem se tornando cada vez mais clara a possibilidade de sistematização da língua falada. Todavia, a Gramática Tradicional (GT) se mostra ainda muito resistente no que diz respeito à descrição e à análise de fenômenos da fala. Ora, do mesmo modo que a escrita, a fala é altamente estruturada, tendo, inclusive, elementos próprios que contribuem no estabelecimento da coesão e da coerência textual, tornando-a passível de análise formal. São inúmeros os procedimentos e as expressões que fazem parte apenas da modalidade oral da língua, como processos de reformulação, repetição, hesitações, paráfrases, uso de marcadores conversacionais como *né?*, *tá?*, *sabe?*, todos estes deixados de fora na descrição proposta pela GT.

Nesse sentido, estudaremos um tipo especial de marcador conversacional, ainda pouco estudado no português brasileiro: os verbos V1 das construções do tipo *foi fez* (CFF's). Essas construções são formadas a partir de uma sequência mínima de dois verbos, V1 e V2, que partilham sujeito e flexões de modo, tempo, pessoa e número, sendo que V1 é quase sempre um dos verbos *ir*, *chegar* e *pegar*, e V2 representa uma classe relativamente aberta (RODRIGUES, 2006). A ocorrência abaixo exemplifica um caso de CFF:

(1) Ele disse: “não, não desliga não que eu quero lhe falar uma coisa”. Eu não estou conhecendo a voz mesmo. Eu disse: “olha, vou desligar, hein? Até amanhã”. Ele **pegou deu** uma gargalhada. Eu disse: “espera aí, fala outra vez”. Aí ele falou, eu disse: “bandido, você me acordando agora!” (PEUL/RJ)

Se construções como essas são muitas vezes consideradas marginais e interpretadas como irregulares pela GT – tão conservadora e resistente, como sabemos, a processos de mudança linguística –, nada mais natural que o estudo dos verbos V1 das CFF's como marcadores conversacionais não sejam abarcados por ela, principalmente por estes verbos representarem um estágio mais avançado de gramaticalização² das CFF's. A inserção desse fenômeno na construção de uma nova gramática da língua torna-se, portanto, evidente, especialmente em virtude de sua recorrência em variadas situações de interação linguística.

Em contextos narrativos, a ocorrência de V1 como marcador conversacional se apresenta de forma ainda mais frequente – conforme os dados da pesquisa de Rodrigues (2006) podem evidenciar –, o que se deve ao fato das CFF's apresentarem-se majoritariamente em porções textuais que se caracterizam pela sequência de eventos. Sendo assim, com o intuito de elaborar um estudo descritivo de V1 como marcador conversacional em textos orais, tomaremos como corpus, neste trabalho, amostras reais de fala em contexto narrativo, coletadas pelo banco de dados constituído por pesquisadores e bolsistas do projeto PEUL da Universidade Federal do Rio de Janeiro³.

Para isso, nos orientamos a partir dos pressupostos teóricos levantados por Rodrigues (2006; 2007) à luz de estudos desenvolvidos por gramáticos construcionistas como Fillmore (1985), Goldberg (1995), Kay & Fillmore (1999) e Croft (2001). Acreditamos, assim como eles, que “todas as construções da língua, mesmo as mais marginais e idiomáticas, podem e devem ser sistematicamente descritas tendo em vista suas propriedades sintáticas, semânticas e/ou

pragmáticas” (RODRIGUES, 2006, p. 39-40). E é justamente isso que nos propomos a fazer em relação aos verbos V1 das CFF’s: descrever suas propriedades e suas funções discursivas e argumentar em favor de seu reconhecimento como um elemento que contribui no estabelecimento da coesão e da coerência em textos orais.

CONSIDERAÇÕES SOBRE V1 COMO MARCADOR CONVERSACIONAL

Os estudos sobre a coesão e a coerência são uma das primeiras dificuldades encontradas em análises de textos orais, uma vez que essas noções configuram uma questão polêmica por se tratar de fenômenos de poucas evidências empíricas. De um modo geral, como lembra Fávero (1991), o texto conversacional é coesivo e é coerente, no entanto, como ele se processa cognitivamente, torna-se difícil identificar suas marcas linguísticas e discursivas se se tiver em mente aquelas marcas próprias de textos escritos. Isso porque, na modalidade oral da língua, a coesão e a coerência se configuram a partir de outros elementos, próprios desse tipo de discurso, tais como aqueles dos quais nos ocuparemos nesse trabalho.

Duas considerações, cabem, portanto, logo de início. Primeiramente, cumpre salientar a própria indefinição dos marcadores conversacionais enquanto classe de palavras dentro da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Várias são as terminologias para designar tais palavras: expressões de situação, operadores discursivos, palavras denotativas, etc – e isto quando as menções ocorrem, já que não são considerados dentro das dez classes gramaticais previstas pela NGB, de cuja limitação para investigar fenômenos relacionados à língua em uso, sobretudo à língua falada, é já velha conhecida. Os marcadores conversacionais são, não raro, em sua maioria, considerados desprovidos de conteúdo semântico e papel sintático significativos, irrelevantes na interpretação do texto. Contudo, cabe questionar: se ajudam a construir e dar coesão e coerência ao texto falado, como “articuladores não só das unidades cognitivoinformativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto” (URBANO, 1995, p. 85-86), não teriam funções semelhantes – a provavelmente até mais – às conjunções, consideradas enquanto classe de palavras pela NGB? E por que, então, não são categorizados, mas colocados – quando são – como um grupo desconexo, à parte?

Em segundo lugar, tendo em vista a resistência da NGB a processos de mudança linguística em curso, tais quais a gramaticalização, bem como a especificidade e os diferentes usos dos verbos V1 (ir, chegar e pegar), que abarcam desde significados mais referenciais até os mais abstratos, cabe discernir aqui situações em que esses verbos são utilizados como marcadores conversacionais, de situações em que são considerados verbos de construções coordenadas. Observemos os seguintes exemplos:

(2) Foi, a moça levantou do caixão e se sentou. **Pegou, tiraram** todo mundo de lá, daí veio um médico, estava cheio de polícia lá. Veio um médico, daí o médico daí, acho que mandaram dar injeção na moça para moça morrer, daí a moça daí enterraram a moça de novo. (PEUL/RJ)

(3) Sábado eu acordo cedo, vou correr com meu primo (est) de manhã. Aí a gente **chega toma** um banho, eu fico em casa, sentado, vendo televisão, aí o dia vai passando. (PEUL/RJ)

A ocorrência em (3) é uma situação representativa do verbo *chegar* sendo utilizado como parte de uma construção coordenada aditiva, em que o sujeito a gente chega (no sentido pleno do termo de atingir certo ponto ou posição) em casa e, logo após, *toma um banho*. Em (2), por outro lado, o verbo *pegar* não integra uma oração coordenada, mas sim uma construção do tipo *foi fez*. Sofrendo uma perda gradativa das propriedades sintáticas e semânticas de seu uso no sentido pleno (segurar, agarrar, prender), o verbo irá adquirir novas propriedades e novas funções, que vão desde a cristalização sob a forma fixa de 3ª pessoa do pretérito perfeito até a função pragmática de dramatização ou ênfase da ação. Essas ocorrências demonstram, portanto, a possível relação entre as CFF's e a coordenação de orações, de modo que estas podem ser consideradas um estágio intermediário de gramaticalização dos verbos em posição inicial de CFF's.

Em relação a esse uso de V1 como marcador conversacional, identificado, neste trabalho, como sequenciador intensificador⁴, podemos estabelecer algumas propriedades, tais como as apontadas acima. Essas propriedades nos mostram que o que aos olhos dos normativistas muitas vezes sequer é considerado, é na verdade passível de sistematização. Vejamos o exemplo abaixo:

(4) Ali onde tem uma casa nova, morava uma colega minha. Aí **pegou** a casa dela **caiu** foi em novembro. Foi em novembro foi em novembro sim. A casa da minha colega caiu.

Podemos estabelecer, a partir desse exemplo, as seguintes propriedades acerca de V1:

- (a) não exibe mobilidade, ocorre sempre em posição inicial do enunciado;
- (b) realiza-se sob a forma fixa de 3ª pessoa do pretérito perfeito;
- (c) o marcador de negação sempre precede V2, nunca V1. Ex.: *Aí **não pegou** a casa dela **caiu**;
- (d) é quase sempre precedido por aí;
- (e) aparece, na maioria das vezes, em contexto de sequência de eventos;
- (f) tem função pragmática de dramatização ou ênfase;

Além dessas, há uma outra propriedade facilmente verificada no exemplo (2), dado acima: (g) a possibilidade de V1 se antepor a verbos com flexão e número diferentes.

A partir dessas propriedades, verificamos que a sistematização é possível, já que os mecanismos envolvidos, tanto na formação quanto na interpretação desse tipo de marcador conversacional, podem ser apreendidos a partir de regras sintáticas gerais, podendo ser percebidas, inclusive, algumas funções pragmáticas exercidas pelos sequenciadores intensificadores dentro do discurso. Estudos de construções semelhantes às CFF's, como os de Dias (2007) sobre a construção quer dizer como marcador conversacional, correlacionaram o uso dessas construções a um valor de contra-expectativa no discurso, na medida em que

elas promoviam uma quebra no curso da narrativa ao introduzir uma ação inesperada. No entanto, esse valor não se mostra tão evidente em marcadores conversacionais do tipo V1, como pode ser observado a seguir:

(5) A Sílvia, por exemplo. A Sílvia é psicóloga. Devido ao campo de trabalho, não é? Estar a maior braba mesmo, estar russíssimo assim para todo mundo, a Sílvia foi lá no Banco Nacional, <pá>, se inscreveu- (ruído de um líquido sendo despejado) - barulho gostoso, não é?- (risos) A Sílvia se inscreveu- aí passou, <pá>, tudo bem, psicotécnico, mil coisas, não é? Passou. Mas ela é psicóloga formada, não é? Então não estava atuando, primeiro lugar, porque, sabe? Não corre atrás como deve. Porque, quando você quer, você acaba conseguindo pelo menos um estágio, não é? (est.) Ganhando pouquinho, <pá>, mas consegue. Mas **a Sílvia foi virou bancária**. A gente passou assim, o quê? Teve [um]- um convívio muito pequeno.

Em (5), como vemos, embora V1 apareça em um contexto de contra-expectativa não é ele o responsável pela quebra do curso da narrativa, já que, mesmo se o omitirmos da construção, esse valor permanecerá. Isso porque é a conjunção *mas* a responsável pela alteração do valor semântico do enunciado.

Uma outra função discursiva observável em nosso objeto de estudo é a noção de tomada de decisão, em que o falante enfatiza a ação a ser tomada por ele diante de uma determinada situação, como abaixo:

(6) Vou terminar meus estudos primeiro, aí, depois, eu vou ver! Tanto que ele me convidou para continuar lá e tal – falei: “Ah! Mas não vou continuar não, porque não vai dar.” Aí, eu **peguei e saí** do coisa. Aí continuou a amizade e tal, mas, aí, eu **peguei e saí**.

Na narrativa, o falante expõe uma situação X, de estar trabalhando, o que implica em Z – atrapalhar seus estudos. Assim, uma decisão é tomada com o intuito de resolver o problema: o falante precisa *pegar e sair* do trabalho. Mais uma vez, no entanto, o V1 das CFF's não será responsável (ou, pelo menos, o único responsável) pelo estabelecimento do valor de tomada de decisão, sendo que essa função ainda permaneceria se a frase fosse: *Aí, eu saí do coisa*. Dessa forma, percebemos que esta noção já está implícita no contexto, propiciada, principalmente, pela presença do marcador conversacional *aí*; o verbo *pegar*, nesse sentido, apenas enfatiza a ação de *sair do coisa*. O mesmo ocorre na segunda ocorrência de CFF do exemplo.

Há ainda uma terceira função de V1 observada dentro do discurso: sinalizar contraste entre figura e fundo. Autores como Hopper e Thompson (2002)⁵ ressaltam que, não só nas CFF's como em qualquer situação de fala, haverá certos elementos que marcarão morfossintaticamente informações que se deseja colocar em destaque. Essas informações, por embasarem os pontos principais do discurso, são conhecidas como figura (*foreground*), enquanto as demais, que irão apenas auxiliar – e não contribuir diretamente – o falante em seus objetivos, são conhecidas como fundo (*background*). Para melhor visualizarmos esse contraste em construções do tipo *foi fez*, vejamos o seguinte exemplo:

(7) E: E como é que foi a sua mordida (E falando com risos) e a mordida da sua amiga?

F: Bom, a mordida da minha amiga foi... acho que [foi]... foi nas pernas, né? O cachorro pegô ela nas pernas, na perna, né? e comeu quase toda – toda a

perna dela. O cachorro, um cachorrão, né? Pô, ela teve que costurá toda a perna, né? Acho que tomô umas cem injeções, mais do que isso. Foi muito, foi horrível.

E: E você, disse que foi mordida pelo seu próprio cachorro (risos de E). Como é que foi isso?

F: Ah, foi eu caí em cima dele, né? tava brincano, eu caí em cima do meu cachorro, **ele tava comendo**, né? **Aí ele foi me deu uma dentada**. Foi... acho que foi... é , foi no braço. Eu tive outra mordida de gato também, que eu tava tentando separá-lo, né? da gata, né? aí ele me mordeu.

O verbo *foi* parece sinalizar os eventos que apresentam uma relevância pragmática maior, fazendo com que eles apareçam em primeiro plano. Mas, nem sempre, as informações destacadas por V1 serão as mais importantes do discurso, como ocorre em (8), por exemplo, em que o falante descreve o modo de preparo do arroz. Ao que nos parece, em uma receita, nenhum evento é mais relevante que outro; todos os passos o são.

(8) A - Fazer um arroz?

B - É, como é que faz?

A – Eu boto a água pra ferver, aí cato o arroz, aí **vou lavo**. Aí boto alho na panela com a banha, aí deixo o alho corar, aí jogo o arroz dentro, aí espero refogar.

Como observado em todos os exemplos citados, a ocorrência de V1 não interfere no valor semântico do enunciado, e todas as funções discursivas destacadas podem ser, em certa medida, contra-argumentadas. A única função que parece prevalecer, portanto, é a de dramatização ou ênfase nos eventos codificados em V2, que Travaglia aponta como sendo a mais básica, podendo, inclusive,

ter funções derivadas, tais como: a) enfatizar; b) intensificar; c) marcar um valor especial, indicando que o elemento em relevo deve ser tomado num sentido diverso do habitual, muitas vezes contrário; d) estabelecer contraste; e) reforçar um argumento; f) marcar importância para a estrutura ideacional/informacional; g) marcar o foco informacional etc (TRAVAGLIA, 1999, p. 78).

Consideremos as ocorrências a seguir, em que a presença do V1 em (9) é contraposta à sua ausência em (10):

(9) Indígena. É isso mesmo. Foi minha vó, uma mulher a mulher que eu nasci na rua eu nasci no meio da rua não é? Nasci na Chácara do Céu, mas nasci na rua. Aí, essa dona me pegou pra casa dela. Aí **pegou**, ela me **botou** roupa lá. Ela disse que quando eu acabei de nascer, ela viu uma cabocla no portão, e essa cabocla era Jupira. Ela pediu, insistiu para o meu pai botar esse maldito desse nome, que eu tenho um ódio. Aí meu pai **pegou botou** esse nome em mim: Jupira! Jupira! Nome feio pra caramba.

(10) "[...] Aí \emptyset ela me **botou** roupa lá. [...] Aí meu pai \emptyset **botou** esse nome em mim: Jupira! Jupira!"

Podemos considerar que as ocorrências em (9) em relação às ocorrências em (10) mantêm o mesmo significado e podem ocorrer num mesmo contexto. Contudo, sintática e pragmaticamente, as sentenças são distintas, dada a

presença de V1 e de todas as propriedades e funções discursivas levantadas. Percebemos, assim, que o valor de V1 como marcador conversacional

é garantido tanto pelo seu valor discursivo, que não decorre nem da composicionalidade de seus elementos individuais, nem do sentido lexical desses elementos, quanto por suas propriedades sintáticas, que extrapolam os limites da coordenação e da auxiliarização (RODRIGUES, 2006, p. 40).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise aqui apresentada não tem pretensões de completude. Muito pelo contrário. Detém-se apenas em um marcador conversacional específico em detrimento de muitos outros tipos que carecem de maior investigação. Marcuschi (2005) cita vários exemplos: os marcadores verbais (que divide em: simples, de uma só palavra – como *né?*, *tá?*, *sabe?*; compostos, formados por sintagmas – como as construções aqui analisadas; oracionais, por orações – como *eu digo assim...*, *vamos dizer o seguinte...*); acrescenta ainda os marcadores prosódicos (relacionados a aspectos fonológicos, como pausa e entonação) e os marcadores não-linguísticos (como o riso, gestos, o olhar). E apesar de bastante variados e em constante mudança, esses marcadores guardam em comum pelo menos dois aspectos, a contento: Fraser (1999) fala de um aspecto que relaciona as mensagens que seguem e precedem o marcador, e de um aspecto que está relacionado ao discurso e às condições de produção; Castilho (1989), de um aspecto interpessoal ou pragmático, que age sobre os interlocutores, e um textual, que diz da ligação entre as seqüências linguísticas; e Risso (1996), os ratifica, dizendo de uma estrutura textual, que organiza a informação, e de uma estrutura interpessoal, que organiza as relações entre os interlocutores.

A questão que se coloca, então, não é a da indefinição dos marcadores conversacionais enquanto uma categoria ou uma classe de palavras. Embasando-se na discussão dos pressupostos acima, verifica-se que análises tradicionais da NGB é que são especialmente deficientes e simplistas no que diz respeito à descrição de fenômenos da fala, principalmente quando se trata de mecanismos de coesão e coerência. Isso faz com que se percam generalizações importantes, como as que discutimos no presente trabalho. Todos os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos do V1 como marcador conversacional mostram que este elemento não só promove a ligação entre as partes do discurso como sinaliza/orienta o caminho interpretativo a se seguir, já que aponta as partes do discurso que se quer enfatizar.

Esses aspectos permitem, assim, uma sistematização que refuta as conservadoras ideias de que as construções aqui examinadas são imprevisíveis, ou mesmo não-suscetíveis de formalização. Decerto, este é apenas o início de teorizações que podem contribuir nos estudos de marcadores conversacionais e de construções semelhantes às CFF's, mas é a partir daí que poderemos criar um delineamento teórico-crítico realmente funcional da Língua Portuguesa, que leve em conta toda sua complexidade e diversidade.

The verbs v1 of grammatical constructions of type *foi fez* (was/ did) like conversational markers

ABSTRACT

In this paper, we have as main objective to study a special type of conversational marker, still little studied in Brazilian Portuguese: the verbs V1 of grammatical constructions of type *foi fez* (was/did). These constructions are formed from a minimal sequence of two verbs, V1 and V2, which share subject and inflection such as tense, mood, person and number. V1 is usually one of the verbs “to go”, “to arrive” and “to take”, and V2 represents a relatively open class. With the intention of elaborating a descriptive study of V1 as conversational marker in oral conversations, we adopted as corpus, in this research, real speech samples collected by the PEUL’s database (Language Use Studies Program), linked to the Federal University of Rio de Janeiro. To analyze the samples, we adopted the theoretical assumptions of Rodrigues (2006; 2007), based on studies developed by constructional grammarians such as Fillmore (1985), Goldberg (1995) and Croft (2001).

KEYWORDS: Grammatical constructions of type *foi fez* (was/did); conversational markers; grammaticalization.

NOTAS

¹ Como as construções do tipo *foi fez* se tratam de uma construção gramatical específica do português brasileiro, designada por Rodrigues (2006), optamos por omitir o jogo de palavras criado no título do artigo em português, por não haver expressão equivalente na tradução para língua inglesa.

² Adotamos aqui o termo gramaticalização dentro de uma perspectiva histórica, podendo ser entendido, a grosso modo, quando um item lexical ou expressão adquire, no processo de mudança linguística natural e corrente, características de um item gramatical, ou quando um item gramatical se torna ainda mais gramatical. Por exemplo, quando analisamos o próprio título: “Aí a gente pegou, fez esse artigo”, em que o verbo pegar perde seu significado lexical de segurar, agarrar, e sua própria função sintática de verbo, adquirindo características de um marcador conversacional. Um exemplo mais corriqueiro e presente é o advérbio embora, proveniente da locução “em boa hora”: a expressão perdeu seu significado original de “em momento adequado e/ou propício”, tornando-se um advérbio com valor adversativo. Os itens em processo de gramaticalização podem sofrer mudanças fonéticas, semânticas, morfossintáticas e/ou pragmáticas; perdem, gradativamente, suas propriedades referenciais de designar seres ou objetos do mundo, representar ações, estados, fenômenos, qualidades, adquirindo a função de estruturar o léxico na gramática.

³ Essas amostras foram retiradas do estudo realizado por Rodrigues (2006; 2007), como parte de sua tese de doutorado.

⁴ Definição de Rodrigues (2007, p. 128), que, segundo a autora, “é motivada tanto (a) pela função desempenhada por esses verbos nos enunciados, de conectar porções textuais que obedecem à mesma ordem dos acontecimentos no mundo real, quanto (b) pela força pragmática que imprimem a esses contextos”.

⁵ *Apud* RODRIGUES, A. CFF’s: as construções do tipo *foi fez* no português do Brasil. **Alfa**. São Paulo, v.50, n°1, 2006, p. 39-58.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, A. T. Para o estudo das unidades discursivas. In : _____. **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

CROFT, W. Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective. New York: Oxford University Press, 2001 *apud* RODRIGUES, A. CFF’s: as construções do tipo *foi fez* no português do Brasil. **Alfa**. São Paulo, v.50, n°1, 2006, p. 39-58.

DIAS, N. B. Estudos de Caso: O caso da construção quer dizer. In: GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO (org.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola, 2007.

FÁVERO, L.L. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 1991.

FILLMORE, C. J. Syntactic intrusions and the notion of grammatical Construction. In: Annual Meeting of Berkely Linguistic Society, Berkeley, 1985 apud RODRIGUES, A. CFF's: as construções do tipo foi fez no português do Brasil. Alfa. São Paulo, v.50, nº1, 2006, p. 39-58.

FRASER, B. What are discourse markers? **Journal of Pragmatics**. v.31, 1999, p.9 31- 952.

GOLDBERG, A. E. Constructions: a constructional grammar approach to argument structure. London: The University of Chicago Press, 1995 apud RODRIGUES, A. CFF's: as construções do tipo foi fez no português do Brasil. **Alfa**. São Paulo, v.50, nº1, 2006, p. 39-58;

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Hendiadys and auxiliation in English. In: BYBEE, J.; NOOMAN, M. (Ed.) Complex sentences in grammar and discourse: essays in honor of Sandra A. Thompson. Philadelphia: John Benjamins, 2002 apud RODRIGUES, A. CFF's: as construções do tipo foi fez no português do Brasil. **Alfa**. São Paulo, v.50, nº1, 2006, p. 39-58;

KAY, P.; FILLMORE, C. J. Grammatical constructions and linguistics generalizations: the what's X doing Y? construction. In: Language, v.75, n.1, p.1-33, 1999 apud RODRIGUES, A. CFF's: as construções do tipo foi fez no português do Brasil. **Alfa**. São Paulo, v.50, nº1, 2006, p. 39-58;

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 2005.

RISSO, Mercedes Sanfelice et al. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (Org.) **Gramática do português falado**. Vol. VI. Campinas/São Paulo: UNICAMP/FAPESP, 1992, p. 21-103.

RODRIGUES, A. CFF's: as construções do tipo foi fez no português do Brasil. **Alfa**. São Paulo, v.50, nº1, 2006, p. 39-58;

_____. Estudos de Caso: O caso das construções do tipo foi fez. In: GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO (org.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola, 2007;

TRAVAGLIA, L. C. O relevo no português falado: tipos e estratégias, processos e recursos. In: NEVES, M. H. M. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In.: PRETI, Dino (org.). **Análise de Textos Oraís**. São Paulo: FFLCH/USP, 1995.

Recebido: 25 abr. 2017

Aprovado: 09 nov. 2018

DOI: 10.3895/rl.v20n31.5832

Como citar: BORGES, João Felipe Barbosa; LELIS, Marina Camila Santana de. "Aí a gente pegou, fez esse artigo": os verbos v1 de construções do tipo foi fez como marcadores conversacionais. *R. Letras*, Curitiba, v. 20, n. 31 p. 19-29, jul/dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

